

Por trás dos gestos que te golpeiam, há tra-
mas obscuras de obsessão.

Na retaguarda dos crimes que te revoltam,
há influências que não desvelas, de pronto.

Quem errou sofre estorvos que te escapam à
senda.

Quem calunia ou persegue ignora o que sabes.
Descerra as portas do coração para compre-
ender e servir, repartindo os bens que ajuntaste
no espírito.

*

A felicidade, para ser verdadeira, deve ser
partilhada.

O ouro, nas mãos de um só homem, é moldura-
da sovinice, mas passando para outras mãos é tra-
balho e beneficência.

O conhecimento isolado é lâmpada sem pro-
veito; contudo, transitando, de cérebro a cérebro,
é ciência e cultura.

Entre as sombras dos que reclamam e azedam,
malquistam e ferem, sê a luz que abençoa sempre.

"Faze ao outro o que desejas seja feito pelo
outro a ti próprio" — diz a Lei.

Isso quer dizer que alguém, para ser feliz,
precisa ajudar alguém.

Felicidade, no fundo, é bondade crescente, para
que a alegria se faça maior. E, sem dúvida, todos
nós podemos dividir parcelas de bondade e alegria,
mas a multiplicação vem dos outros.



42

Desligamento do mal

Reunião pública de 26-6-61.

1.º Parte — Cap. VII —

As Penas Futuras segundo o Espiritismo.

Antes da reencarnação, no balanço das res-
ponsabilidades que lhe competem, a mente, acor-
dada perante a Lei, não se vê apenas defrontada
pelos resultados das próprias culpas. Reconhece,
também, o imperativo de libertar-se dos compro-
missos assumidos com os sindicatos das trevas.

Para isso partilha estudos e planos referentes
à estrutura do novo corpo físico que lhe servirá
por degrau decisivo no reajuste, e coopera, quanto
possível, para que seja ele talhado à feição de câ-
mara corretiva, na qual se regenere e, ao mesmo
tempo, se isole das sugestões infelizes, capazes de
lhe arruinarem os bons propósitos.

Patronos da guerra e da desordem, que esbu-
lhavam a confiança do povo, escolhem o próprio
encarceramento na idiotia, em que se façam des-
percebidos pelos antigos comparsas das orgias de
sangue e loucura, por eles mesmos transformados
em lobos inteligentes; tribunos ardilosos da opres-
são e caluniadores empeçonhados pela malícia pe-
dem o martírio silencioso dos surdos-mudos, em

que se desliguem, pouco a pouco, dos especuladores do crime, a cujo magnetismo degradante se rendiam, inconscientes; cantores e bailarinos de prol, imanizados a organizações corrompidas, suplicam empeços na garganta ou pernas cambaias, a fim de não mais cairem sob o fascínio dos empreiteiros da delinquência; espiões que teceram intrigas de morte e artistas que envileceram as energias do amor imploram olhos cegos e estreiteza de raciocínio, receosos de voltar ao convívio dos malfeiteiros que, um dia, elegeram por associados e irmãos de luta mais íntima; criaturas insensatas, que não vacilavam em fazer a infelicidade dos outros, solicitam nervos paralíticos ou troncos mutilados, que os afastem dos quadrilheiros da sombra, com os quais cultivavam rebeldia e ingratidão; e homens e mulheres, que se brutalizaram no vício, rogam a frustração genésica e, ainda, o suplício da epiderme deformada ou purulenta, que provoquem repugnância e consequente desinteresse dos vampiros, em cujos fluidos aviltados e vômitos repelentes se compraziam nos prazeres inferiores.

Se alguma enfermidade irreversível te assinala a veste física, não percas a paciência e aguarda o futuro. E se trazes alguém contigo, portando essa ou aquela inibição, ajuda esse alguém a aceitar semelhante dificuldade como sendo a luz de uma bênção.

Para todos nós, que temos errado infinitamente, no caminho longo dos séculos, chega sempre um minuto em que suspiramos, ansiosos, pela mudança de vida, fatigados de nossas próprias obsessões.



43

Corrigir e pagar

*Reunião pública de 30-6-61.
1.º Parte — Cap. VII — § 3.*

Cada hora, no relógio terrestre, é um passo do tempo, impelindo-te às provas de que necessitas para a sublimação do teu destino.

*

Exclamas no momento amargo: "Dia terrível!"

Esse, porém, é o minuto em que podes revelar a tua grandeza.

A frente da família atribulada, costumas dizer: "O parente é uma cruz".

Tens, contudo, no lar, o cadinho que te aprimora.

Censurando o companheiro que desertou, repetes, veemente: "Nem quero vê-lo."

No entanto, esse é o amigo que te instrui nos preceitos do silêncio e da tolerância.

Lembrando o recinto, em que alguém te apontou o caminho das tuas obrigações, asseveras em desconselho: "Ali, não mais ponho os pés."

Todavia, esse é o lugar justo para a humildade que ensinas.